MULHERES PESCADORAS: TRAJETÓRIAS DE MULHERES NOS PANTANAIS SUL MATO GROSSENSE

FISHING WOMEN: TRAJECTORIES OF WOMEN IN THE SOUTHERN MATO GROSSO PANTANAL

Silvana Aparecida da Silva Zanchett[1]

Resumo: Análise histórica do cotidiano, de memórias e de silêncios na vida de mulheres pescadoras na região dos Pantanais Sul Mato Grossense. A pesquisa problematiza narrativas e os múltiplos sentidos e significados que a vida ribeirinha tem para com essas mulheres, evidenciando suas expectativas e anseios na relação tecida com o rio e a cidade sulmatogrossense, bem como na construção de modos de vida singulares expressos nas suas vivências cotidianas. Apresentam tensões, as emoções e os sentidos que essas mulheres construíram ao longo de suas trajetórias no mundo da pesca. Um mundo permeado de incertezas e de conquistas para essas mulheres, visto que, esse espaço era até então, destinado aos desbravadores. Nesse sentido, as narrativas orais nos enriquecem historicamente, ao visibilizar histórias de vida de mulheres que estavam fadadas ao mundo privado na sombra dos seus esposos, mas que agora dominam espaços com seus trabalhos, suas lutas e seus anseios.
Palavras-chave: Mulheres – Pesca - Pantanal

Abstract: Historical analysis of everyday life, memories and silences in the lives of fisherwomen in the Pantanal Sul Mato Grossense region. The research discusses storylines and the multiple senses and meanings that the riverside life has for these women, highlighting their expectations and desires in the relationship woven with the river and with Mato Grosso do Sul city, as well as in the construction of natural ways of life expressed in their daily experiences. They present tensions, emotions and senses that these women have built along their trajectories in the world of fishing. A world permeated with uncertainty and conquests for these women, since, until then, this space was destined to explorers. In this sense, oral narratives have enriched us historically, by showing life stories of women who were doomed to the private world in the shadow of their spouses, but that now dominate spaces with their works, their struggles and their desires.
Keywords: Woman - Fishing - Pantanal

> *[...] navegar pelo rio Paraguai um dia inteiro sem que os olhos encontrem a presença de ocupação humana, tendo somente ao alcance mamíferos, aves e répteis disputando os peixes aprisionados nas rasas lagoas marginais que formaram-se quando as águas recuaram após espraiarem-se por toda a imensa planície durante a cheia. Este é um quadro que se repete a cada ano e é o período mais exuberante dos ciclos da vida neste ambiente. (ECOA)*

[1] Professora Doutora em História. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Inicio esse texto destacando que, quando falamos em Pantanal[2], é preciso conceituar, sendo que temos os "pantanais", no plural devido à biodiversidade existente nessa região do país. Essa área do território pantaneiro ocupa 59,7% do estado de Mato Grosso do Sul. Quando falamos em "mulheres dos pantanais", refletimos que são narrativas de sujeitos que vivem em espaços peculiares marcado pela diversidade natural, nesse sentido opto por observar as relações familiares e comunitárias nesse lócus pesquisado.

Michele Sato (2001) em seu texto *Debatendo os desafios da educação ambiental,* destaca que:

> [...] a natureza nunca pode ser separada daquele que a percebe, ela nunca pode existir efetivamente em si, pois suas articulações são as mesmas de nossa existência, ela se estabelece no fim de um olhar ou término de uma exploração sensorial que a investe de humanidade. (SATO, 2001, p. 21).

Nesse sentido é preciso historiar a vida e as experiências dessas mulheres que se relacionam com a natureza através do trabalho pesqueiro. Dessa forma, analiso histórias de mulheres pescadoras e pantaneiras ao qual observo suas formas de trabalho, seus costumes, suas identidades, visibilidades e resistências no mundo do trabalho historicamente determinado pela presença masculina.

Luisa Passerini (2011), em sua obra *Memória entre política e emoção*, destaca que:

> Estas narrações históricas não apenas colocam em evidência problemas e aspectos que outras fontes não evidenciam, como o papel das emoções no cruzamento entre público e privado, mas também contém silêncios problemáticos, que indicam as tensões entre a subjetividade e a pesquisa histórica. (PASSERINI, 2011, p. 100)

[2] O Pantanal ocupa uma área de 138.183 km2 tendo o rio Paraguai como a espinha dorsal do sistema de drenagem. O rio Paraguai corre no sentido norte-sul, recebendo água dos rios Jaurú, Cabaçal e Sepotuba pela margem direita e rios Cuiabá (com seus afluentes São Lourenço e Piquiri), Taquari, Miranda (com seu afluente Aquidauana) e Apa pela margem esquerda, sendo que esse último delimita a BAP ao sul, estabelecendo a fronteira Brasil-Paraguai. Cf.: CATELLA, Agostinho Carlos A Pesca no Pantanal de Mato Grosso do Sul, Brasil: Descrição, Nível de Exploração e Manejo (1994 – 1999), Manaus, 2001, p. 02.

Nessa direção, analiso essas tensões, as emoções e os sentidos que essas mulheres construíram ao longo de suas trajetórias no mundo do trabalho na pesca, no Pantanal Sul Mato Grossense. Um mundo permeado de incertezas e também de muitas conquistas para essas mulheres, visto que, esse espaço era até então, destinado aos desbravadores. Nesse sentido, as narrativas orais nos enriquecem historicamente, ao visibilizar histórias de vida de mulheres que estavam fadadas ao mundo privado à sombra dos seus esposos, mas que agora dominam espaços com seus trabalhos, suas lutas e seus anseios.

A representação Feminina: Uma luta por direitos às pescadoras

> Mas, a despeito das grandes mudanças por que passa a organização familiar no mundo contemporâneo, o modelo patriarcal ainda desempenha, e não somente no Brasil, importante papel na estruturação das relações conjugais de *gênero, l*egitimando a desigualdade de direitos entre homens e mulheres. (LIMA; SOUZA, 2015, p. 519)

Não somente no Estado de Mato Grosso do Sul, mas em grande parte do país, as mulheres desempenham a pesca profissional a partir da configuração familiar. Uma das primeiras politicas públicas foram pensadas a partir dessa configuração, mulheres que estavam ao lado dos seus esposos, exercendo a atividade, porem sem nenhum amparo legal.

Leitão (2009) em seu texto *30 Anos de Registro de Pesca para as Mulheres,* destaca os principais marcos na história das colônias de pescadores/as, para a compreensão da invisibilidade das mulheres na cadeia produtiva da pesca:

> 1) As primeiras colônias de pescadores do Brasil foram estabelecidas a partir de 1919 sob a tutela da Marinha de Guerra; 2) Em 1920 foi criada a Confederação dos Pescadores do Brasil; 3) A partir de 1970, foi criada a Superintendência do Desenvolvimento da Pesca – SUDEPE, sendo abolida a Divisão de Caça e Pesca; 4) A Constituição de 1988 estabelece a equiparação das colônias aos sindicatos de trabalhadores rurais; 5) Na década de 1980 foi criado o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, órgão na ocasião responsável por gerenciar e promover o desenvolvimento do setor pesqueiro do país. Na década de 1990, o Ministério da Agricultura volta a incorporar os

> pescadores artesanais dentro de sua estrutura; 7) Em 2003 a Secretaria Especial de Aqüicultura e Pesca passa a coordenar as ações e políticas públicas da pesca e aqüicultura, transformada em Ministério desde 2009. (Leitão, 2009, p. 3-4)

Conforme a citação acima, observo que em nenhum momento temos uma política específica voltada para as mulheres pescadoras, visto que, ao longo desses 30 anos analisados, o Estado vê o homem pescador. Leitão (2009) destaca que a representação em esferas participativas, tanto em colônias, associações e na federação de pescadores, predomina a figura masculina.

Leitão (2009) observa ainda que a política nacional voltada para a categoria tem como objetivo promover e apoiar iniciativas de desenvolvimento local sustentável visa tanto atividades pesqueiras como também a elas relacionadas, observando a família e suas organizações.

> A intenção é promover inclusão social e qualidade de vida nas comunidades pesqueiras, a partir de princípios e práticas da pesca responsável que preservem o ambiente. Para isso é necessário que: 1) Participem homens e mulheres em espaços de representação política dos próprios pescadores/as, através de suas organizações (associações, colônias e federação de Pescadores/as, sindicatos e cooperativas); 2) Se promovam parcerias com diferentes instituições para geração de tecnologias direcionadas para educação e capacitação técnica, a partir do diálogo e troca de saberes com as comunidades pesqueiras; 3) Sejam facilitadas as informações sobre as fontes de crédito, divulgar e auxiliar o processo de elaboração e execução dos projetos; 4) Se estabeleçam formas de gestão compartilhada no uso de recursos naturais; 5) Se desenvolvam outros processos de geração de renda (artesanato, turismo, culinária) associados às atividades que estão ligadas direta ou indiretamente à pesca artesanal. (Leitão, 2009, p. 6)

Leitão (2009) salienta que, para a promoção da política pública nacional para visibilizar as mulheres, é preciso seguir os princípios e práticas de preservação ambiental e ainda, a participação efetiva das mulheres nesses espaços de poderes. Ainda, que se desenvolvam ações para o desenvolvimento de geração de renda fortalecendo economicamente e politicamente essas mulheres. Destaca ainda que:

> Ao refletir sobre cidadania, alguns questionamentos se destacam no cotidiano das relações de gênero: quais são os mecanismos que convertem as demandas das mulheres em demandas das sociedades em geral; quais os discursos que

> legitimam ou deslegitimam as solicitações femininas; quais são os mecanismos, os atores e estratégias que promovem certos temas ao debate político e a concretização em políticas públicas inclusivas; por fim, quais são os mecanismos de participação e empoderamento das mulheres no desenvolvimento local. (Leitão, 2009, p. 6)

A partir dos questionamentos levantados por Leitão (2009) observo que a visão cidadã das mulheres pescadores de Mato Grosso do Sul, ainda é limitada e precisam avançar, primeiramente na organização sindical e na participação da construção de políticas publicas locais, regionais e até mesmo nacional. Sendo que, as mulheres pescadoras são extremamente participativas na economia local e regional, seja na pesca, na coleta de iscas vivas ou na produção de artesanatos, portanto, devem ter vozes nesses espaços de construção política.

A pescadora Heléia Aparecida Soares Ferreira, nascida em 28/05/1965, natural de Aquidauana/MS, destaca que pesca desde 1998. No momento da entrevista era a presidente da colônia de pesca Z-07. A entrevista ocorreu em uma sala da colônia Z-07 de Aquidauana no dia 10/08/2017. Ao ser questionada como foi seu início na pesca, dona Heléia narra:

> Olha, na pesca eu estou há mais de 20 anos. O meu esposo é pescador, então eu optei pela pesca pra ajudar ele e estou há mais de mais 20 anos pescando. Agora como diretora da colônia de pesca de Aquidauana tem 18 anos. Meu esposo é apaixonado por pesca também, e por incentivo dele, comecei a pescar. (Heléia, Entrevista, Aquidauana/MS, 10/08/2018)

A pescadora Heléia destaca que seu aprendizado, como o de muitas pescadoras, vem após o casamento, e que sua experiência com a pesca foi pequena, devido ter assumido a direção da Colônia de pesca. Esta à frente da instituição há mais de 18 anos, assim salienta que tem uma pequena experiência com a pesca em si. “Mas no final de semana, eu gosto de pescar, mas não sou assim apaixonada para ter que viver na pesca, eu gosto muito do que eu faço aqui dentro da colônia” (Aquidauana, 10/08/2018). Em sua narrativa, observo que a sua relação com a pesca é diferente das demais entrevistadas, pois sua paixão é voltada para as questões administrativas da Colônia e a pesca é apenas para se distrair aos finais de semana.

Heléia (2018), narra que somente a partir dos anos de 1990, que começa o processo, mesmo que lentamente, de discussão da política voltada para as mulheres pescadoras:

> Acho que foi de 1991 pra cá, foi que contribuiu muito para dar esse direito para as mulheres pescadoras. A Pastoral da Pesca, que deu uma acolhida muito grande, porque na verdade há uns 18 anos atrás mais ou menos, logo que eu entrei na pesca, inclusive teve uns problemas de pescadoras que estavam recebendo o beneficio de auxílio através da carteira do documento do pescador, então as que receberam tiveram que devolver qualquer tipo de benefício. Quaisquer coisas que elas receberam, através do INSS tiveram que devolver para o Governo Federal, que não dava o direito. Então, como que aconteceu tudo isso, eles deram direito também da mulher virar pescadora, porque hoje como eu falei, a demanda é grande, mas tem umas pescadoras que são pescadoras mesmo, acompanha o marido o ano todo nos tem alguns casos assim, são poucos, mas tem! Então eu acho que uns 20% mais ou menos de todo nós, temos hoje um número de associados de 420 mais ou menos, deve ter uns 20% de mulheres, dessas mulheres, atuante mesmo deve ter uns 10%. E essas 10% que eu estou dizendo, tem muitas que sabe, como a Solange disse são porreta mesmo [risos] elas pescam mais que muitos pescadores, hoje a gente essa dificuldade mesmo porque a lei não permite a gente fazer uma avaliação de quem é e não é entendeu? (Heléia, Entrevista, Aquidauana/MS, 10/08/2018)

Heléia (2018) afirma em sua narrativa que parte das pescadoras em todo o país, tiveram problemas para ter acesso a benefícios, lembrando que, as mulheres estavam silenciadas documentalmente nesse processo. Ou seja, as mulheres estavam aquém de qualquer direito trabalhista e previdenciário. Em sua narrativa, destaca também uma critica as mulheres que possuem carteira de pesca, mas que, no entanto, não exerce a profissão, esse fato deixa a categoria vulnerável no cenário de luta por direitos trabalhistas.

Refletindo questões ligadas às mulheres pescadoras de Mato Grosso do Sul, observo que a busca pelo fortalecimento da representatividade da categoria, perpassa essas lutas travadas ao longo dos anos. Temos as leis, no entanto, as mulheres estão muito aquém do esperado na luta pelo reconhecimento. Ao contrário de outros estados analisados na minha pesquisa de doutoramento[3],

[3] *Corpos Femininos: Cotidiano, Memória e História de Mulheres Pescadoras no Pantanal Sul-Mato-Grossense - (1980-2017),* tese defendida no ano de 2019, no Programa de Pós-Graduação

destaco que ainda precisamos avançar enquanto organização feminina, nos movimentos pela valorização do trabalho das pescadoras nas comunidades pesqueiras do Estado, e ainda para o fortalecimento das conquistas da categoria. Nesse sentido, concordo com Leitão; Lima e Furtado (2009) ao afirmar que:

> As colônias e associações de pescadores precisam assumir essa ação e procurar rever a definição estreita de pescador, de modo a que trabalhadoras da pesca hoje invisíveis tenham um espaço, ou seja, um lugar. O acesso a benefícios como aposentadoria, seguro saúde, ou auxílio maternidade constitui uma condição própria da cidadania. Garantir às mulheres o estatuto de trabalhadoras da pesca, como parceiras de terra ou das águas, é um grande passo na conquista de uma cidadania de qualidade, com relações mais justas, igualitárias e democráticas entre homens e mulheres. (LEITÃO; LIMA; FURTADO, 2009, p. 13)

Portanto, a manutenção e sobrevivência das mulheres pescadoras é uma luta cotidiana, visto que, ainda hoje predomina em vários setores uma visão romântica e estereotipada da natureza feminina, que a determina para a maternidade e o trato do lar. Ou seja, ainda predomina essa visão de que as mulheres são auxiliares e ou ajudantes de seus companheiros nas atividades pesqueiras. Porém, é visível a participação da categoria na economia local e regional.

> No Pantanal, grupos isolados e comunidades enfrentam cotidianamente os desafios da falta de recursos e condições básicas como segurança territorial, saúde e educação, entre outros fatores. A organização social e política torna-se uma premissa básica, neste contexto, para que essas lacunas sejam solucionadas – ou ao menos amortizadas – e seus direitos e dinâmicas de vida sejam respeitados. São grandes as pressões que sofrem para permanecerem nas áreas que habitam. Há aproximadamente 25 anos a Ecoa trabalha apoiando a organização desses grupos. (ECOA, 21/12/2018)

As comunidades mais isoladas da urbanidade, sofrem com a ausência de diversos serviços públicos, nesse sentido a Ong ECOA[4], faz um trabalho

em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), com a orientação do Professor Doutor Losandro Antonio Tedeschi.

[4] A iniciativa integra o **Projeto ECCOS** – Conectando Paisajes en el Bosque Seco Chiquitano, el Cerrado y el Pantanal de Bolívia y Brasil para la Sostenibilidad del Desarrollo Productivo, la Conservación de sus valores ambientales y la Adaptación al Cambio Climático, com apoio da União Europeia. Cf.: http://ecoa.org.br/ecoa-inicia-projeto-que-tem-o-objetivo-de-fortalecer-governanca-das-areas-de-fronteira-cadeias-produtivas-sustentaveis-e-areas-protegidas/

importante para a organização das comunidades ribeirinhas tradicionais. Relacionada às mulheres, é importante destacar as:

> **Lideranças femininas:** O papel das mulheres pantaneiras nesse processo merece destaque. Mesmo somando cada dia mais na renda do núcleo familiar, a falta de reconhecimento, representatividade e espaço dentro das associações de moradores – compostas predominantemente por homens – é uma realidade que gera descontentamento. Esse cenário acabou impulsionando a organização dessas mulheres em associações próprias de produção. (ECOA, 21/12/2018)

As mulheres recebem orientações para a organização de frentes femininas, na busca de valorização do trabalho na comunidade pesqueiro. Com o auxílio do Ecoa, foram realizadas assembleias gerais com a eleição de três associações de moradoras dos municípios de Corumbá, Miranda e Ladário. *Não surpreendentemente, foram empossadas três associações de mulheres, reafirmando a luta das mulheres pantaneiras pelo reconhecimento merecido dentro da comunidade e do Estado.* (ECOA, 21/12/2018). Em relações a outras regiões do país, essas associações representam no Estado, um movimento importante, com olhos pela valorização do trabalho das mulheres pescadoras. Abaixo temos a organização das três associações:

> **APA Baía Negra:** A Associação de Mulheres Produtoras da APA Baía Negra está dentro de uma Área de Proteção Ambiental em Ladário (MS). Isso fortalece tanto a conservação da região, quanto a perspectiva de que as famílias, em especial as mulheres, consigam melhores condições de vida dentro de uma unidade de conservação de uso sustentável.
> **Porto da Manga:** No Pantanal, as mulheres representam mais que 70% da categoria de pesca de iscas. Por isso, é bastante significativo que a Associação de Mulheres Extrativistas do Porto da Manga, composta por pescadoras – a maioria coletoras de iscas – esteja à frente da nova gestão da Associação de Moradores por questões de interesses comuns e específicos – que só as mulheres tem nessa atividade tão pesada.
> **Porto Esperança:** Em 2015 depois de intensos conflitos socioambientais, os ribeirinhos do Porto Esperança receberam seus Termos de Autorização de Uso Sustentável (TAUS), garantindo o direito histórico da comunidade de permanecer em seu território. A Associação de Mulheres Ribeirinhas do Porto Esperança assume neste contexto o papel político de que este direito seja mantido e seu trabalho gere mais oportunidades numa região que segundo elas mesmas, é abençoada. ((ECOA, 21/12/2018)

Um importante papel do projeto Ecoa, ao organizar e instrumentalizar as mulheres pantaneiras, que ao longo da história do Estado, estiveram silenciadas e invisibilizadas pelo Estado. O Projeto *Olhares para o futuro: Pelos próximos três anos, estas gestões femininas estarão adiante nas representações comunitárias, em busca de melhores perspectivas de trabalho e renda e também assumindo o papel político em defesa dos seus territórios.* (ECOA, 21/12/2018). Observo que esse projeto fortalece essas mulheres politicamente, principalmente ao possibilitar o lugar de fala, ou seja, nada melhor do que ouvir estas mulheres, é tê-las nas frentes políticas, na busca por melhorias profissionais e comunitárias.

No Estado de Mato Grosso do Sul, essa organização de mulheres pescadoras, representa um avanço nas políticas publicas para as mulheres pantaneiras, visto que a Colônia de Pesca acaba sendo uma extensão da burocracia estatal. A pesquisa me possibilitou visualizar que muitas mulheres pescadoras não reconhecem as colônias de pesca, enquanto representação sindical da categoria. Apesar de alguns avanços a partir da criação da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca (SEAP) em 2003, transformado em Ministério da Pesca[5], em 2009 com uma trajetória de elaboração de diversas políticas públicas para a categoria, ainda temos muitos obstáculos para termos o fortalecimento da cidadania das pescadoras artesanais em nosso Estado de Mato Grosso do Sul.

Abaixo temos a imagem da organização da primeira diretoria da associação de Porto Esperança[6]:

Figura 01: Primeira diretoria da associação de Porto Esperança

[5] Ministério da Pesca e Aquicultura foi extinto e incorporado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), a pasta da pesca passa agora a ser uma *Secretaria Especial da Pesca e Aquicultura*. A reforma foi instituída pelo Decreto nº 8.711, de 14 de abril de 2016.

[6] O processo contou com a assessoria da Universidade Federal de Mato grosso do Sul através de Aurélio Briltes (Advogado e Professor do Curso de Direito da UFMS- Fadir) e da Ecoa, representada por Nathália Eberhardt Ziolkowski. Foram lidos e aprovados o Estatuto da Associação, bem como a Ata de Fundação constando da primeira diretoria eleita e votação do nome da Associação. Cf.: http://ecoa.org.br/mulheres-pantaneiras-se-organizam/



FONTE: Dia da votação e aprovação da primeira diretoria ocorrida no dia 11/10/2016.

Ao despertar para uma nova consciência através de diversos setores de representação das mulheres como associações, colônias de pesca e Federação da pesca, percebemos que as relações de desigualdade entre as pescadoras e os pescadores são visíveis, no entanto, o trabalho feminino é bem representativo, porém, pouco visibilizado pela própria categoria. Afirmo isso, devido termos muitas mulheres a frentes de colônias e associações, ainda não representam as vozes de muitas trabalhadoras da pesca.

Estudos sobre a condição feminina com base nas relações sociais de gênero, nesse estudo relacionado às mulheres que pescam, observo a dominação masculina muito explícita. Historicamente temos desigualdades socialmente construídas, entre homens e mulheres, nesse sentido, temos a necessidade de se construir políticas públicas que considere as especificidades das mulheres pescadoras profissionais. A categoria gênero aqui entendido a partir de Joan Scott (1995), como um elemento constitutivo de relações sociais, fundadas nas diferenças percebidas entre os sexos e como um primeiro modo de dar significado às relações de poder, lembrando que a pesca sempre foi "serviço do homem".

Logo, como nos ensina Pierre Bourdieu (1999) torna-se relevante conhecer aspectos do seu cotidiano e das organizações políticas e das políticas públicas para a categoria. Sendo que, é preciso considerar as contribuições das pescadoras para a produção do pescado, para rentabilidade no lar e na comunidade, enfim todos estes aspectos responsáveis pela transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em natural. Portanto, é salutar analisar

as conquistas e o acesso das pescadoras às políticas públicas, para entrarmos no mundo dos sentidos e significados que as pescadoras construíram no cotidiano pesqueiro e ainda, observar as ações e o papel do Estado, para as mulheres pescadoras dos Pantanais.

Hulda Stadtler (2015, p.05) destaca que é visível a dificuldade que as pescadoras enfrentam ao ter que "provar" que são pescadoras profissionais, devido principalmente à questão de a identidade conter várias características que as vulnerabiliza: raça e etnia, pobreza, ruralidade (pouco acesso), deficiência alimentar (insegurança), baixa escolaridade, violência de gênero, alcoolismo, falta de documentação e por fim, o tipo de trabalho realizado, coleta de iscas ou a pesca em lanchas. Assim, observo que vai além das questões de saúde, mas de políticas públicas que as vê como profissionais da pesca, independentes e produtoras de renda e de conhecimentos múltiplos no trabalho.

Heléia (2018) destaca a luta da presidente anterior da Colônia de Pesca de Aquidauana:

> Hoje pra você ter uma ideia, uma sede dessa aqui só tem mesmo em duas cidades do estado, que é lá em Coxim e daqui. Outras têm sede, mas não é assim bem estruturada como é a nossa, você vai ter a oportunidade de vê todas e essa daqui é nossa. Apesar de que foi na gestão da Ermi e de um ex-prefeito daqui, uma pessoa muito boa, foi ele doou o terreno e a dona Ermi sempre foi muito política, ela se envolvia muito com os políticos. Foi através de uma amiga dela que conseguiu uma verba de certo deputado, ai conseguiu construiu a cozinha pequenininha lá, passou mais um ano ou dois anos, foi ela que conseguiu, só que ela gastou muito a sola do sapato. (Heléia, Entrevista, Aquidauana/MS, 10/08/2018)

Aqui temos o relato de uma presidente da Colônia de pesca, que destaca que a luta e as conquistas foram frutos do trabalho da ex-presidente que de maneira política local e estadual, angariou recursos parlamentares para a construção da sede própria da representação sindical, sendo o terreno fruto de doação da Prefeitura Municipal de Aquidauana.

Figura 02: Sede da Colônia Z-7 de Aquidauana



FONTE: Fotografia Digital produzida pela autora para a produção da pesquisa de doutoramento de doutoramento em História

Na foto acima, temos a imagem da frente da Colônia de Pescadores da Z-07 localizado na cidade de Aquidauana/MS. Heléia destaca que, no histórico da instituição temos lideranças femininas atuantes na conquista de melhorias para a categoria na região. Nesse espaço, a qual demostra com alegria, são realizadas reuniões, assembleias, cursos de orientação entre outras ações, todas voltadas para o fortalecimento da categoria. Nesse espaço temos também as salas administrativas utilizadas para cadastramento de pescadores e pescadoras, organização documental, todos esses detalhes são narrados para demonstrar que, são conquistas de mulheres que como ela, lutaram para ter uma sede da instituição.

Heléia (2018) descreve as dificuldades para organizar a diretoria da instituição:

> [...] nós temos uma dificuldade, agora, por exemplo, eu estou conversando com a Solange (secretária) eu já falei com alguns da diretoria alguns aceitaram outros não. O vice-presidente não quer mais, o presidente de conselho e o fiscal não quer mais, então a dificuldade que a gente tem para montar essa diretoria, pois ela tem que estar com os doze componentes. A Federação da Pesca não quer saber se está faltando alguém, tem que apresentar uma chapa com doze e nós estamos com dificuldades para montar essa chapa. Eu falei para a Solange, as vezes da até vontade da gente desistir. (Heléia, Entrevista, Aquidauana/MS, 10/08/2018)

A legislação exige essa representatividade e a participação da categoria frente às lutas sindicais. No entanto, a presidente destaca a dificuldade de gerenciar uma instituição com poucos recursos financeiros e dependentes de ações políticas do Estado. Atualmente, conforme dados da Federação Estadual de Pescadores e Aquicultores em Mato Grosso do Sul, o número de Pescadoras devidamente documentadas é de:

Quadro 01: Quantitativo de Mulheres Pescadoras no Estado de Mato Grosso do Sul

Colônia de Pesca em Mato Grosso do Sul	Quantidade
Colônia Z-1 de Corumbá	408
Colônia Z-2 de Coxim	142
Colônia Z-3 de Três Lagoas	102
Colônia Z-5 de Miranda	133
Colônia Z-6 de Porto Murtinho	106
Colônia Z-7 de Aquidauana	116
Colônia Z-8 de Mundo Novo	Sem informação
Colônia Z-9 de Angélica	29
Colônia Z-11 de Bonito	55
Colônia Z-12 de Paranaíba	122
Colônia Z-13 de Bataguassu	Sem informação
Colônia Z-14 de Ladário	299
Colônia Z-15 de Naviraí	115
Colônia Z-16 de Itaquiraí	57
Total Pescadoras	1.684

FONTE: Informações levantadas no mês de janeiro 2019, pela diretora secretária da Federação Estadual de Pescadores e Aquicultores – MS, senhora Elis Regina Severino. Quadro produzido pela autora da pesquisa de doutoramento em História.

No quadro acima, temos um total aproximado 1.684 pescadoras regularmente documentadas e filiadas nas Colônias de Pesca em Mato Grosso do Sul. Os municípios de Corumbá, Ladário e Miranda, temos uma concentração maior de mulheres que exercem a pesca de iscas vivas para abastecer o comércio local. Já os demais municípios têm uma participação maior de mulheres que pescam o peixe, tanto de maneira embarcada como na pesca de barranco, visto que muitas mulheres não possuem embarcações.

A Pescaria nos Pantanais: Adversidades e a Natureza

A senhora Vânia Aponte Sato, nascida em 19/05/1975 em Corumbá-MS, relata que sempre foi ribeirinha e sua vida é marcada pela presença da pesca, primeiramente por ser ribeirinha. Posteriormente, retorna ao mundo da pesca como pescadora profissional. Ao descrever seu dia a dia no rio, relembra um fato que faz parte da vida de muitas pescadoras, ou seja, as adversidades da natureza pantaneira:

> [...] Sem energia elétrica, já passamos por poucas e boas. Já atravessemos num breu [sic] e maré. Estava um tempo bonito menina, não tinha vento, não tinha nada, estava um sol lindo que estava, a gente atravessou, quando começamos a pescar, entre o morro do molar, você não via mais nada. Quando foi 2:30 da tarde quando tentamos atravessar o rio não deu mais, porque a onda estava alta, ai ficamos presos, meu marido falou quando for umas 4:00 vai melhorar ai deu 4:00 horas e nada ai foi passando, foi anoitecendo e eu já com medo e nós no meio da baia. Aonde que a gente imaginaria que ia acontecer isso, nós dormimos lá, só saímos no outro dia, muita onda muita mesmo, correndo risco de vida, meu Deus! Eu imaginava uma sucuri subindo ali. Porque a gente pesca junto, mas na lancha, ai chegou em tal lugar a gente pega o barquinho de alumínio pequeno, nosso barquinho é pequeno, é para 3 pessoas só, ai ficamos a noite inteira, vinha vento sul e garoinha, toda vez eu levava casaco, nesse dia o tempo estava bonito eu não levei meu casaco, só com uma blusinha fininha, ficamos a noite inteira [...] (SATO, entrevista, Corumbá/MS, 15/01/2017)

Há toda uma preparação para o desenvolvimento da atividade pesqueira, tudo organizado como a questão das roupas e dos equipamentos necessários para qualquer emergência. Nessa situação adversa, a senhora Vânia (2017) destaca que foram pegos de surpresa, pois pelos conhecimentos do clima, não era esperado esse temporal. É preciso planejar o horário de saída para o rio, como também o horário de retorno para casa ou para a lancha pesqueira, observando os perigos possíveis, numa escuridão com o rio fazendo ondas, não há como sair de uma baía, que segundo eles é um “mar” calmo e aberto e que não tem como seguir o movimento das águas, como num rio. Ou seja, dentro da baía as águas são calmas, agora com temporal, o encontro dessas águas, as coloca em perigo, pois formam fortes ondas, colocando as(os) pescadoras(es) em grande perigo ao estar em barcos pequenos.

Figura 03: Pescadora Vânia em uma baía pantaneira



FONTE: Fotografia cedida pela pescadora Vânia (2017) S/D

Na fotografia acima, observamos um dia tranquilo de pesca, dentro de uma baía, é visível a água mansa, no entanto, em temporais com ventanias, há um forte movimento das águas, principalmente na entrada dessas baías que os pescadores chamam de boca, que segundo a narradora, em temporais as ondas ficam enormes e não há como sair nesse caso. Nessa foto, observamos a pescadora Vânia (2017) e sua filha mais velha, pescando o peixe dourado[7], uma espécie considerada de primeira linha e muito disputada pelas pescadoras, elas narram que é uma pesca muito bonita devido à luta desse peixe para não ser capturado.

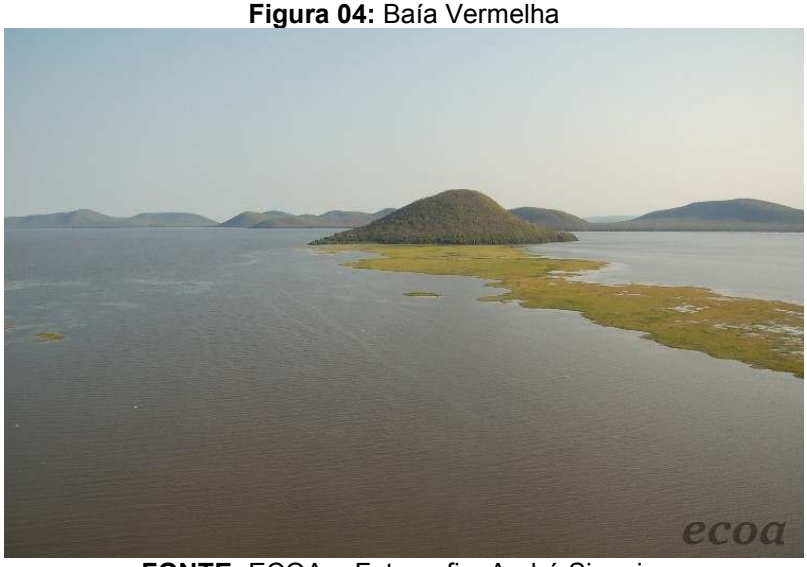
O Pantanal, para as pescadoras é um enorme “mar”, representa um enorme *brejão* e tem seus ciclos naturais:

> O Pantanal vive sob o desígnio das águas. Ali, a chuva divide a vida em dois períodos bem distintos: de maio a outubro, meses de seca, onde são descobertos os campos, exibindo a força e a beleza de sua vegetação, e as águas escorrem pelas depressões formando os corixos, canais que ligam as águas da baía com os rios próximos. De novembro a abril, as chuvas caem torrenciais tornando rapidamente a planície em baías de centenas de quilômetros devido a dificuldade de escoamento das águas pelo alagamento do solo. (PEREIRA, 2009, p. 16)

[7] Lei Nº 22/2018 proíbe a captura, o embarque, o transporte, a comercialização, o processamento e a industrialização do peixe Dourado, por um período de cinco anos, no Estado de Mato Grosso do Sul. Cf.: https://www.correiodoestado.com.br/cidades/pesca-de-dourado-fica-proibida-por-cinco-anos-nos-rios-de-ms/343427/

As pescadoras utilizam termos como “mar”, “riozão” para tentar expressar o que significa essa maior planície alagável do mundo. Que com pouca chuva, áreas não alagáveis, já se transforma em um rio de água límpida. Na foto abaixo, temos a pescadora Vânia (2017), com sua filha, pescando em uma baía, ao lado esquerdo da foto podemos observar as águas tranquilas, ao lado direito da imagem uma enorme vegetação imersa.

Figura 04: Baía Vermelha



FONTE: ECOA - Fotografia: André Siqueira

Quando as narradoras descrevem o riozão ou comparam os rios com o mar, é a partir dessa imagem representada acima, que elas falam. Cenários como esse, fazem parte do cotidiano das Pescadoras que pescam peixes ou iscas vivas em várias regiões dos Pantanais. Conforme Bosi (2004) nesses relatos orais está à importância de se considerar os significados que os sujeitos imprimem às suas práticas cotidianas.

Shirlei Aparecida da Silva, nascida no dia 22 de julho de 1982, natural de São Paulo-SP, moradora no distrito de Salobra, na cidade de Miranda. Ao andar pela comunidade em Miranda/MS, verifiquei que seu nome era uma referência, para outras mulheres pois, segundo as pescadoras, ela é uma mulher que atua de modo muito presente no ramo da pesca profissional nessa região pantaneira: além de pescadora, é também piloteira, atendendo ao turismo local. Shirlei (2017) narra momentos de "convívio com a temível onça pintada":

> [...] Eu sou muito corajosa, para dormir na beira do rio, quando tem de três a quatro pessoas, eu tenho coragem, pois tenho medo da onça! Quando somos só nós dois, eu não durmo, a onça urra. Uma vez nos subimos lá em cima, estava pegando piauçu, fomos' subindo, chegamos lá descansamos um pouquinho, deixaram (outro pescador) a barraca para nós lá. Daí ficamos lá em cima para dormir. Ah menina! no outro dia amanheci com meu olho que parecia que estava com terra, porque eu não consegui dormir, parecia que tinha onça, e ele dormindo, dormindo, (o esposo completa:) “quando tem guarda assim, eu durmo gostoso, dai que eu durmo mesmo”. Dormiu mesmo, e eu não! (Shirlei; Nilson, entrevista, Miranda/MS, 16/01/2017)

A saga com a onça demonstra os perigos que o Pantanal possui, pois é o *habitat* natural das onças pintadas e elas se alimentam também dos peixes, isso faz com que as pescadoras tenham muito cuidado, principalmente nos acampamentos. Conforme a narrativa da Shirlei (2017), "uma vez pescando pintado, ela veio quietinha rodando com um pau, ficou muito perto de nós, senti o bafo nas costas". Parafraseando Certeau (2008), as palavras, os gestos e os sorrisos trazem manifestações significativas da vida cotidiana. Assim, observo que como essas pescadoras são capazes de superar com criatividade, as adversidades da pesca, transformam, mesmo que momentaneamente, em prática divertida e de lazer, “esquecem” os perigos, medos e os incômodos do cotidiano pesqueiro, ao descrever esse episódio, riu e demonstrou que tem “coragem” para estar no mundo da pesca.

Shirlei (2017) destaca em sua narrativa, significado como o da felicidade:

> [...] eu me sinto muito feliz! É uma coisa que distrai, se passa o tempo. Você esta lá, você para num cantinho, lá quando não está dando mosquito, nós conversamos, nós pescamos, [risos] Nós fritamos peixe. Quando as nossas meninas eram pequenas, nós levávamos um arroz branco, dai pegava lá embaixo uma piranha, e já fazia um foguinho [...] Quando eu vim morar para cá, eu morava ali do outro lado [...] e eu estava pescando e de repente curimba [sic] é difícil de pegar no anzol, e ficaram admirados de eu pegar, eles tiraram o sarro: Você vai virar pescadora mesmo, porque não pega assim no anzol, eu descia para pescar no barranco, no começo a gente não sabia, a gente pegava e não tirava o ferrão e pisava no ferrão, uma vez pisei em um e saiu um mandi pendurado no pé, [...] Deus me livre, é uma dor insuportável, [...](Shirlei, entrevista, Miranda/MS, 16/01/2017)

Shirlei (2017), narra momentos de descontração para subjetivar o cotidiano pesqueiro, destaca as certezas da “mistura” para o almoço, ainda destaca sua “sorte” ao pegar um peixe chamado curimbatá que só é pego com tarrafa ou rede. Mesmo não sabendo lidar com o pescado, no caso que ao pisar em um ferrão de peixe, lembra-se da dor horrível que sentiu, mesmo assim descreve sua alegria de estar nesse espaço bucólico e cheio de adversidades.

Outra pescadora dos Pantanais, é a senhora Orlinda Vitoria Dias Moraes, nascida em 28 de julho de 1960, é natural de Miranda/MS. Relata que é uma pescadora que nasceu em um ambiente pesqueiro, e segue o trabalho profissional juntamente com o esposo. O matrimônio, segundo ela, lhe propiciou o aperfeiçoamento do seu trabalho. Sua narrativa apresenta que sempre pescou embarcada, pois prima pela segurança dela e do seu esposo. Segundo narrativas das pescadoras, essa região é marcada pela presença de onças pintadas. Elas rondam as margens dos rios para se alimentarem, e ao acamparem nas margens dos rios, correm riscos de serem atacados por elas. Esse fato faz com que se previna, não arriscando sua vida e nem do seu esposo:

> [...] é só eu e meu velho, fiquei com medo. Nós não vamos descer no barranco não, nós ficamos no barco mesmo, dai fica até certas horas pescando. Quando vi que ele estava cansado, só peguei a lona que nós levamos, forrei no fundo do barco, peguei os forros, forrei bem forradinho e deitemos lá, ficamos lá, amanhecemos o dia lá, deitados no barco [risos] e o tempo começou armar de chuva, ai falei pra ele: Vamos embora, vai chover, vamos embora [...] Muitas vezes, eu e ele, não dormimos [...] eu sou apaixonada por pescaria, fico a noite inteira pescando, agora tem gente que vai fica tranquilo, faz barraca, arma barraca na beira do rio, pousa lá, nós não! Nós não descemos do barco não! Fica a noite inteira dentro do barco. (Orlinda, entrevista, Miranda/MS, 16/01/2017)

De fato, as condições de trabalho são insalubres, os perigos são constantes e as condições de renda refletem na qualidade de vida da categoria. A pescadora Orlinda (2017) descreve que é preciso ter muito cuidado, pois são idosos e nesse caso, seriam presas fáceis para a temível onça pintada, muito presente nas narrativas das pescadoras. Há também motivos de encantamentos, sabem dos perigos que correm, no entanto, a pescadora Orlinda (2017) descreve que sonha vê-las a olho nu, pois ainda não foi contemplada.

> [...] Aqui tem bastante onça pintada, bom aqui para cima a gente quase não vê, mas descendo de Salobra pra baixo, lá de dia o povo vê onça passeando, e filma elas. Disseram-me que tem um lugar ali, não sei onde, para baixo que tem uma onça que é até acostumada com peixe, joga o peixe lá e ela já aparece na barranca do rio. É bem reservado o lugar e é perigoso, só que eu durante o tempo que pesco, eu nunca vi uma onça, para falar a verdade, nunca vi uma onça na beira do rio. Eu falo assim pro meu velho: Sou louquinha para ver uma onça, mas não consigo ver, meu irmão vê diariamente ela, vê a onça, ele filma, tira fotografia, as filmagens das onças. Eu não tive o privilégio de ver, agora meu esposo e o meu genro, eles viram, filmaram, trouxeram a filmagem dela, só que eu não tive essa sorte, vejo o rastro dela na beira do rio, vejo bastante rastro dela, mas ela mesmo, não! (Orlinda, entrevista, Miranda/MS, 16/01/2017)

Essa visão de encantamento com as onças pintadas, faz parte do imaginário de muitas pessoas que buscam o Pantanal, seja para a pescaria ou passeios turísticos. O safari pantaneiro é conhecido mundialmente, por ter essa riqueza em sua fauna, que, no entanto, para as trabalhadoras da pesca, representa um grande perigo no cotidiano do trabalho para a categoria.

A pescadora Orlinda (2015) expõe os sacrifícios e os perigos gerados pela pesca, que, no entanto, não são empecilhos, nem inibidores à presença feminina na lida. Em sua fala, percebo a naturalidade com que enfrenta as adversidades, com firmeza e a coragem de quem tem experiência desde criança. Ressalta os símbolos utilizados como instrumentos estratégicos para delimitar e assegurar o domínio do lugar, uma relação possessiva e coletiva que se estabelece, para afirmar, estamos aqui, fazemos parte desse lugar, somos pescadoras dos Pantanais.

Pergunto à senhora Orlinda se ela tem o costume de acampar, ao que responde:

> [...] Não, às vezes a gente vai depois, nós só pousa lá se for pescar a noite, mas no outro dia cedo nós já vem embora. Agora antes, nos estávamos com ideia de ir, arranjar uma lancha ou um amarrar o barco na beira do rio, pra nós ficar dois, três dias lá, só que agora ele aposentou graças a Deus da pra ficar mais tranquilo. E gasta muito porque todo dia vai e volta, vai e volta, gasta demais [...] e passa a noite pescando e agora a gasolina foi lá em cima também, teve alta de novo [...] aí vai ficar mais difícil eles pescar [...] (Orlinda, entrevista, Miranda/MS, 16/01/2017)

Ou seja, a relação do trabalho é determinado também pelo investimento, ou seja, para estar todos os dias em casa, é preciso ter dinheiro para comprar a gasolina, sendo assim, muitas vezes ficam vulneráveis a temível onça pintada. Outro perigo constante para desenvolver a pescaria é o jacaré, logo abaixo Orlinda (2017) descreve uma experiência que lhe marcou com uma cicatriz na mão:

> [...] Eu passei assim no Pantanal! até jacaré andou relando a minha mão, olha aqui, nesse lugar aqui (mostra a mão) foi o sinal do dente do jacaré. Só que nesse dia, nós estávamos pegando isca na lagoa, até passou no tal do Picarelli (programa jornalístico de televisão). A gente finca um pau aqui, finca aqui, daí pega a ponta dele e vai levando assim, daí acerta lá longe lá no barranco assim, daí fica no meio ali fica tudo preso. Eu esqueci que ali naquele lugar ali, todo dia eu ia pescar e tinha um jacaré naquele lugar ali, numa moitinha assim, dai o meu esposo disse assim: Vai limpando aí dentro, vai tirando essas sujeiras ai dentro, e eu fui catando aqueles mato assim, dai na hora que chegou lá naquela moita assim, eu enfiei a mão assim e tirei, quando enfiei a mão eu senti o jacaré [...] (Orlinda, entrevista, Miranda/MS, 16/01/2017)

Orlinda (2017) descreve com riqueza de detalhes, todo o processo de coleta de iscas vivas, nas lagoas. E ao desenvolver a tarefa, se esquece da morada do jacaré, enfiando a mão diretamente na boca do jacaré, que esta escondido na vegetação.

Nesse cenário vulnerável, Orlinda (2017) destaca:

> [...] parece que eu senti a boca dele, fez assim [...] eu puxei a mão assim, e já tinha furado a minha mão aqui, pegou o dente dele aqui, pegou aqui em cima da minha mão só que não segurou, não conseguiu segurar [...] fui mais rápida, mas ficou um mês. Meu braço inchou até aqui em cima assim, mas pensa coisa que dói, mas dói, dói mesmo. Fiquei um mês com braço na tipoia sem poder movimentar com o braço, dessa vez eu fiquei com medo de pegar isca. No começo nós pescávamos eu e meu cunhado, nós tínhamos duas telas, só que ele tinha a tela dele e eu tinha a minha tela, assim aquela telinha de pegar isca [...] que é flutuante. Ele pescava na dele lá, e eu na minha aqui e com água até por aqui assim (na altura do peito) eu não tinha medo não, vivia dentro da água [...] só que depois que fui mordida pelo jacaré, eu criei medo! Criei medo desse jacaré que ele é perigoso [risos] [arrancar o braço fora] é porque se ele pegasse assim de verdade mesmo ia virar, ele torcia, porque ele pega e vira [...] embola assim, é aonde ele quebra, aonde ele pegar ele quebra se ele tivesse pegado a minha mão assim de

> cheio ele tinha quebrado minha mão, tinha arrancado a minha mão, mas graças a Deus só foi isso, esse trisquinho que deu aqui na minha mão mesmo, mas ainda ficou com defeito um pouquinho [risos] é ficou a lembrança do jacaré ficou bem o sinal do dente dele aonde entrou aqui. O susto foi grande não foi fácil não, depois ficou o sinal do corte ainda tem o corte, do dente dele aqui [...](Orlinda, entrevista, Miranda/MS, 16/01/2017)

Ao narrar toda a saga com o jacaré, relembra o processo dolorido que foi após o acidente, ainda do perigo que correu, pois poderia perder o braço. Relembra também momentos que pescava com seu cunhado, cada um no seu espaço de trabalho, tranquilamente, no entanto, com o ataque do jacaré, desenvolveu um medo do animal que antes convivia muito perto. Logo abaixo, para visualizar esse trabalho, apresento a fotografia do processo de coleta de iscas vivas:

Figura 05: Catadoras de Iscas



FONTE: ECOA – Fotografia: Jean Fernandes

A pesquisada desenvolvida por Fernanda Santana, com o título *Toque feminino. Coletoras de iscas vivas entre camalotes floridos*[8], a autora analisa a prática de pescadoras de iscas no Pantanal*:*

[8] SANTANA, Fernanda. *Toque Feminino: Coletoras de iscas vivas entre camalotes floridos*. 2009. Cf.: https://ecoa.org.br/mulheres-fazem-a-diferenca-no-pantanal/

> No ano 2000 um relatório produzido pela Ecoa focando comunidades ribeirinhas foram detectado a vulnerabilidade dos "isqueiros", coletores de iscas vivas que abastecem o turismo de pesca do Estado. Para o trabalho homens e mulheres ficavam imersos até o peito na beira dos rios sem nenhum material de proteção e a mercê do frio e animais peçonhentos. Os isqueiros eram discriminados e, sequer eram reconhecidos como profissionais. (SANTANA, 2009)

Desta maneira, ajustamos um olhar para o entendimento de como as mulheres pescadoras conciliam suas atividades, procurando melhorar as prioridades, sejam elas à compra de um motor, lancha, um barco, enfim. Destacam em suas falas, os seus gostos, seus conhecimentos e suas conquistas, narram que dependeram dos companheiros para aprender a profissão, mas que, no entanto, atualmente são independentes e exercem a profissão, não como ajudantes, mas como profissionais.

Em suas narrativas, observo conquistas financeiras que são referências para o exercício da profissão, como no caso da pescadora Orlinda (2017):

> É com dinheiro de pesca, tudo que eu tenho é aqui! Todo mundo sabe isso aqui tudo, é carro é tudo que nos temos é com o dinheiro da pesca [...] Isso aqui não investiu com outro dinheiro não! Que meu velho, ele mexe com venda de isca e também capina, agora ele aposentou. Agora ele vai ficar mais comigo na pescaria, ele aposentou e não depende mais tanto estar trabalhando forçado, porque não pode também porque ele é doente, ele tem problema de coluna, mas o probleminha esta na idade, ele tem 37 anos de carteira de pescador [...] É um bom tempo! Ele se aposentou agora e nós vamos viver só no rio pescando. (Orlinda, entrevista, Miranda/MS, 16/01/2017)

Portanto, pesca para além do ato de pescar, principalmente ao destacar sobre a rentabilidade que o oficio pode lhe proporcionar:

> [...] É para viver bem, bem, não dá! Mas dá para a gente ir levando, sabe como é que é, não tem outra profissão. A senhora pode ver: Miranda é pequeno, não tem um nada aqui para gente trabalhar, então é só a pesca mesmo [...] Se fecha a pesca, eu acho que acaba tudo na cidade porque fechou a pesca, acabou tudo! Acaba o movimento daqui [...] É só silêncio, é difícil, difícil mesmo! Deve agradecer a Deus pela pesca, porque falar que o que nós temos aqui da para se defender, não são aquelas coisas. Que tem mês que da para sair alguma coisa, mas tem mês que é ralado [...] Tem vez que sobra, muitas vezes esta com dinheiro R$: 20,00 R$: 30,00 Reais guardado. Para nós mesmo

> que pesca de motor, é mais difícil porque as vezes a gente desembolsa e vai no rio e não consegue nada. É porque tem época que esta difícil, esta feio mesmo, agora tem época que não, tem época que é boa. Ano passado graças a Deus teve bastante peixe, parou um cardume de peixe aqui na ponte e foi bom, e tinha muito pintado no meio, bastante peixe mesmo, deu para aproveitar já no começo. Tem época que é ruim [...] E fica ruim de pegar, tem época que parece que não tem os peixes, não sei se os peixes descem ou sobem, só sei que não acha mesmo, sei que é difícil mesmo. Pode bater dia e noite que não sai nada [...] (Orlinda, entrevista, Miranda/MS, 16/01/2017)

Essa característica está muito presente na vida socioeconômica e cultural das comunidades ribeirinhas do Pantanal, particularmente nos períodos de seca, na qual as famílias, diante das adversidades ambientais, inventam e reinventam formas de sobrevivência a cada sazonalidade das águas. Há um constante e ininterrupto recomeço, que se renova dinamicamente através da capacidade criativa de se adaptar a cada enchente ou período de seca, a falta de peixes e a escassez de recursos financeiros para investimentos para desenvolver o trabalho. Por outro lado, se orgulham ao mostrar que tudo que possuem de bens materiais, são resultados do trabalho com a pesca artesanal.

Entre outras adversidades do mundo da pesca, há perigos relacionados com a vida dos trabalhadores. Um alerta é com a possiblidade de naufrágios, um dos medos muito presentes no imaginário das pescadoras:

> [...] é graças a Deus nunca passei apuro de mais outras coisas, negócio de virar barco cair não, que a gente mais anda com cuidado também né porque sabe que é perigoso, falam que o rio só não gosta daquele que não sabe nadar, a verdade: Ele gosta daquele que sabe nadar, ele leva mesmo! já aconteceu muitas causas de morte aqui no rio, tem bastante causo de barco que virou. Uma vez não achou o barco, não achou o motor, é mais perigo, não é fácil não! Por isso que eu tenho medo de sair sozinha. Que nem eu falo pro meu velho: Eu não tenho força, um dia nos estava pescando eu não sei que jeito ele soltou o motor da rabeta [sic] do motor, enganchou no pau, enganchou no vão do pau, ficou grudado a hélice lá e custou tirar o motor de lá, esse que é o meu medo [...] Sozinha e chegando enganchar, que jeito eu vou fazer pra mim tirar? Força eu não tenho para puxar, então eu evito isto dai eu não vou sozinha, que nem muitas vezes eu vou com minha filha pescar, quando não tem ninguém pra ir, dai vai eu e ela porque qualquer coisa nos estamos juntas e ela também é pescadora, dai nós vamos juntas nós duas para o rio sozinha, de barco sozinha eu não fui, porque tem que ter muito cuidado, tenho medo de

> acontecer as coisas e a gente sozinha por ai, não dá certo não [...] (Orlinda, entrevista, Miranda/MS, 16/01/2017)

Essas mulheres representam o mundo vivido, os seus lugares, como lugar de realização da vida, a percepção é entendida como uma "ação humana de compreensão do mundo, que se dá no momento em que o homem vai ao mundo, se ver no mundo, se construindo com ele", ou seja, cada pescadora se constroem no mundo da pesca, carregadas de significados simbólicos reais e imaginários. Esse espaço analisado sob um viés fenomenológico, reflete como essas mulheres pescadoras se relacionam com os Pantanais, com suas experiências vividas nos lugares da pesca, na coleta de iscas e em seus cotidianos. Nesse sentido, elas constroem um mapa mental que "é a representação da forma de como o homem percebe, representa, descreve e vive o lugar" (NOGUEIRA, 2002, p. 79-103). São Mulheres que constroem uma representação romântica do lugar, do belo, da verdadeira felicidade entre outros adjetivos utilizados para destacar que vivem nesse lugar bucólico e repleto de adversidades que para elas representam o próprio sentido de vida e sobrevivência.

Considerações Finais

Ao longo desse estudo, analiso o trabalho das mulheres frente às colônias de pesca, o entendimento do que é uma representação sindical e ainda aspectos ligados à saúde e o fazer laboral das mulheres pescadoras. As temáticas interligadas, sendo que é a partir da compreensão que elas possuem do sistema de representação da colônia e da preservação dos seus direitos trabalhistas e consequentemente previdenciários. Fica evidente que, ainda precisamos avançar muito em questões de organização e participação em movimentos de lutas sindicais e por direitos para as mulheres pescadoras em Mato Grosso do Sul. Constatações a partir de análises de estudos e pesquisas desenvolvidas em regiões como o Nordeste[9] brasileiro, observei que, nossas pescadoras não

[9] O Núcleo de Pesquisa - Desenvolvimento e Sociedade - tem desenvolvido nos últimos sete anos vários estudos focados na problematização sobre a invisibilidade da mulher no mundo do trabalho, especialmente o universo da pesca artesanal no Brasil. Desde 2006 a equipe de pesquisadoras/es dos projetos *Conflito de Gênero no Cotidiano da Comunidade Costeira A Ver-o-Mar* e *Pescando Pescadores: Políticas Públicas e Extensão Pesqueira(*Projetos elaborados por

participam efetivamente das lutas femininas para a garantia de seus direitos, afirmo ainda que compreendo que esse processo é longo, pois precisa de um entendimento da importância das suas vozes nessa organização e representação feminina nesses espaços de luta.

Tratar as relações de gênero no mundo do trabalho da pesca é transitar em um espaço delimitado e imerso em simbologias que colocam homens e mulheres em posições opostas. Onde, homens pescam nos rios em seus barcos e lanchas pesqueiras e as mulheres nas margens dos rios ou em lagoas, com suas canoas e ou em pequenas embarcações. São raras as mulheres que se aventuram a pilotar grandes embarcações e conduzir lanchas pesqueiras, não no sentido do querer, mas no sentido do alto investimento que representa, mas elas estão lá, para desenvolver todas as atividades que o ofício exige. É um espaço marcado pela heteronormatividade explícita, visível na demarcação das narrativas e delimitadas nas obrigações. Aos homens competem as grandes pescarias, já as competências das mulheres são marcadas primeiramente pela dedicação integral dos interesses da família, da educação dos filhos, do preparo das refeições, entre outras atividades relacionadas à pesca ou ao lar. Ao homem compete à conservação das embarcações, a confecção de tarrafas para a coleta de iscas e a comercialização do grande pescado, já à mulher, lhes compete à venda de iscas ou peixes em suas casas ou em comércios locais, ou seja, o pequeno, o singular, o privado.

No discurso dessas mulheres pescadoras está presente uma argumentação construída no imaginário social ribeirinho, aprendido de geração em geração, de que se elas possuem renda e que esse é um fator que contribui para coloca-las em pé de igualdade. Que está garantindo a conquista de direitos sociais e que, ao mesmo tempo contribui para o empoderamento[10] dessas trabalhadoras, que vem de uma ordem social machista e patriarcal.

professoras/es do POSMEX - Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco, contemplados em Editais pelo CNPq. (Pesquisas que contribuíram no fortalecimento do Grupo de Pesquisa - Desenvolvimento e Sociedade) priorizou entre seus objetivos contribuir no debate sobre gênero numa perspectiva da "feminização" da pobreza especialmente nas relações de trabalho que envolve a pesca artesanal no Brasil. In: LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. **30 Anos de Registro de Pesca para as Mulheres**. Seminário na UFRPE - Recife, 2009, p.1.

[10] Nessa reflexão utilizamos o conceito de empoderamento, refletindo as constantes lutas por valorização e reconhecimento de gênero no campo do trabalho, da independência financeira,

> Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da auto-determinação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latino americanas, em especial, o objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com o a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero. Isso não quer dizer que não queiramos também acabar com a pobreza, com as guerras, etc. Mas para nós o objetivo maior do "empoderamento" é destruir a ordem patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, além de assumirmos maior controle sobre "nossos corpos, nossas vidas". (SARDENBERG, 2009, p.2).

Portanto, vai além da certa autonomia financeira, são mulheres empoderadas porque rompem barreiras da profissão milenarmente dominada por homens. Em suas narrativas, há indícios dessas libertações, mesmo que muitas ainda não veem dessa maneira, há transformações significativas para as mulheres, como exemplo, ter sua carteira profissional de pesca e acesso aos benefícios que a categoria lhes pode proporcionar.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 11ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade, LIMA, Alexandra Silva de; FURTADO, Gilmar Soares. **Mulheres Pescadoras**: A Construção da

das conquistas documentais e de direitos. Conforme o texto *Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social*, o conceito de empowerment contempla não apenas como uma construção da consciência crítica, pelo sujeito no seu contexto natural, social, cultural, político e de vivência. Não é uma simples capacidade de atuação nos padrões em diferentes âmbitos da vida social, profissional, enfim, mas está diretamente ligada à aquisição de poder. Nessa direção, "supõe o vivenciar um processo articulado que integre a construção de uma consciência crítica com a ação, ou o desenvolvimento de capacidade real de intervenção e transformação da realidade". O conceito empoderamento nesse caso, vai além de um processo de emancipação individual, pois envolve uma consciência coletiva. Cf.: EICOS. Estudos Interdisciplinares de comunidades e Ecologia Social. Empoderamento: participação, solidariedade e desenvolvimento (a). Disponível em: http://www.eicos.psycho.ufrj.br/anexos/port_empod.htm Acesso em: 03/10/ 2020, às 8h.

Resistência em Itapissuma. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 2009. CD-Rom. Texto completo.

LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. Gênero e Políticas Públicas na pesca artesanal em Itapissuma. In: Angelo Bras Callou Fernandes e Maria Sallet Tauk. (Org.). **Comunicação, gênero e Cultura em Comunidades pesqueiras tradicionais**. Recife: FASA, 2009, v. 1, p. 161-174.

LIMA, Lana Lage da Gama. Souza, Suellen André. Patriarcado. In: Colling, Ana Maria. TEDESCHI, Losandro Antônio (Orgs). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados-MS, Ed.: UFGD, 2015.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

PASSERINI, Luisa. **A memória entre a política e emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PEREIRA, João Antonio**. Geografia de Mato Grosso**: "O mundo é do tamanho que você quiser... Construa-o conforme sua imaginação". Guiratinga-MT, Set. 2009. Disponível em.: <https://pt.calameo.com/read/0001152895ce015e5d61d>. Acesso em:18/05/2017.

SATO, M. (2001, maio). Debatendo os desafios da educação ambiental. R**ev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambien**t., Rio Grande, p.14-33.

SCOTT, J. História das Mulheres. In: BURKER, P.(Org.) **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Univesp, 1992.

STADTLER, Hulda Helena Coraciara. Mulheres na pesca artesanal: lutando por previdência e saúde. **Retratos de Assentamentos**, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 91-112, jan. 2015. ISSN 2527-2594. Disponível em: <http://retratosdeassentamentos.com/index.php/retratos/article/view/183>.